

O CORPO BRINCANTE MAXAKALI¹

Vânia de Fátima Noronha Alves

Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH

A comunidade indígena Maxakali reside em Minas Gerais, em duas reservas – Água Boa e Pradinho. É composta por aproximadamente 850 índios, onde nada menos que a metade de sua população é constituída por indivíduos na faixa etária compreendida entre 0 e 12 anos. O grupo mantém muitas de suas tradições culturais, inclusive a língua. O objetivo perseguido por esta pesquisa foi a compreensão dos sentidos e significados de corpo e lúdico presentes nos indivíduos da comunidade em questão.

Penso que a grande contribuição de um estudo dessa natureza num programa de pós-graduação em Educação está no fato de considerar a alteridade, isto é, a diferença entre os indivíduos, como condição para o exercício pleno da cidadania e o direito de viver essa diferença não como desigualdades, mas sim como características específicas de cada grupo humano. Além disso, contribuir com os estudos sobre a cultura indígena, principalmente no que tange aos seus projetos educacionais, pois compreendo que, qualquer projeto político-pedagógico deve ser elaborado tendo como principal pressuposto o conhecimento da comunidade para a qual ele se destina, levando em consideração seus objetivos com a educação, seu *ethos* e sua participação efetiva no processo. No entanto, a pretensão deste estudo foi a de ampliar o conhecimento sobre a comunidade e não propor direcionamentos para a construção de seu projeto.

Para o desenvolvimento da pesquisa o método que se mostrou mais adequado foi o etnográfico. Neste sentido, busquei uma aproximação com a antropologia e utilizando das técnicas de pesquisa de campo proposta por Malinowski e da teoria interpretativa de Geertz, inseri-me na comunidade, registrando em “diários de campo” as observações, além de usar da fotografia, do desenho e das entrevistas como recursos.

A decodificação dos sentidos e significados da linguagem² corporal lúdica foi realizada a partir da forma como os índios nomeiam e identificam, em língua nativa, os diversos atos e

¹ Faço a opção de utilizar a grafia original dos nomes indígenas, em respeito à comunidade. Segundo Ricardo (1995: 97-99), existe a norma culta da “Convenção para a grafia dos nomes tribais”, estabelecida pela

gestos presentes em suas atividades cotidianas. A reconstituição dos textos, na perspectiva que nos apresenta Geertz, como uma descrição densa de sentidos e significados, deu-se com o auxílio de intérpretes da língua, buscando uma articulação entre os gestos e as situações sociointerativas em que são produzidos.

A apreensão e a interpretação dos dados coletados consideraram a perspectiva sociointeracionista, em sua dupla hermenêutica: uma que levou em conta os quadros mentais do pesquisador e outra que respeitou os campos simbólicos da cultura Maxakali.

A coleta de dados para esta pesquisa ocorreu em vários momentos. As primeiras informações e os primeiros contatos com representantes da comunidade Maxakali foram colhidas durante a realização do III e IV módulos do Curso de Formação dos Professores-Indígenas, realizados em janeiro e julho/1997, no Parque Estadual do Rio Doce/MG. Foram duas semanas de contatos, uma em cada módulo, durante as quais pude iniciar uma aproximação com os índios, estabelecer um relação de amizade com eles, aprender algumas palavras na língua. Esses fatos contribuíram enormemente para minha apresentação e aceitação em campo. A pesquisa de campo propriamente dita aconteceu ao longo do ano de 1997 e primeiro semestre de 1998. Foram três visitas em área: novembro/97, março/98 e junho/98.

Apresento nesse trabalho, uma descrição sucinta das análises dos dados observados no que tange à concepção de corpo bem como às práticas corporais lúdicas presentes entre os maxakali, na intenção de ampliar o nosso olhar sobre o outro, contribuindo para que seja cada vez mais possível, entre nós, o respeito às diferenças.

Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 14 de novembro de 1953 que determina o uso de maiúsculas para os nomes tribais, mesmo quando a palavra tem função de adjetivo e o não uso do plural.

² Adoto como entendimento de linguagem a concepção apresentada por Mihail Bakhtin (1979), que reconhece como uma atividade social, onde dois indivíduos se interagem dentro de um contexto social de comunicação. Avançando nesta compreensão, João Wanderley Geraldi (1995) afirma que: *focalizar a interação verbal como o lugar da produção da linguagem e dos sujeitos que, neste processo, se constituem pela linguagem significa admitir que os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como 'produto' neste processo. Neste sentido, o sujeito é social já que a linguagem não é um trabalho artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros que ela se constitui. Também não há um sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se constituindo nas suas falas.*

O corpo social Maxakali

A construção da pessoa na sociedade Maxakali traz a idéia de fabricação do corpo. Desse processo fazem parte os ciclos denominados de “ciclo do sangue” e o “ciclo da palavra”, ou seja, os fluxos de transformação que constituem a pessoa e a própria sociedade Maxakali.

Álvares afirma que a menstruação marca o início do ciclo do sangue; somente após a primeira relação sexual a mocinha fica menstruada, pois é o ato sexual que provoca-a, segundo eles, “chama o sangue”. O resguardo de sangue – conjunto de prescrições e abstinências que marcam e circunscrevem todo o período de derramamento do próprio sangue – é observado pelas mocinhas na primeira menstruação e pelo casal no pós-parto. Nessas situações, ou seja, enquanto houver sangramento, devem abster-se de manter relações sexuais, evitando assim, uma violenta hemorragia.

Após o terceiro dia de menstruação encerram-se todas as restrições do resguardo de sangue e inaugura-se o processo de fabricação da criança. Nos primeiros meses, as relações sexuais devem ser freqüentes, principalmente nos primeiros quinze dias. Além do sangue retido da menstruação, o sêmen também participa desta fabricação. Durante a gravidez, outros homens manterão relações sexuais com a mulher, o sêmen de cada um contribuirá para a formação do corpo que está sendo produzido³. Todos serão considerados como pais biológicos da criança, mas é o marido quem assumirá o papel de pai social⁴.

O corpo, segundo Álvares é fabricado dentro da barriga da mãe numa mistura de sangue e sêmen. Nos últimos meses as relações sexuais diminuem, e praticamente o sangue participa desta fabricação. Só após o nascimento que o Koxuk⁵ penetrará pela boca da criança e esta se tornará uma pessoa, ou um tikmã’ãn⁶.

³ É importante ressaltar que os assuntos referentes ao derramamento de sangue, a gravidez e ao parto são considerados tabus e tratados com grande recato pelos Maxakali, proibido às crianças e às mocinhas. Tive muita dificuldade em obter informações e até mesmo confirmações a este respeito.

⁴ Álvares, 1986: 126.

⁵ *Koxuk* é condição humana que depende do fluxo de sangue e do fluxo de palavras, é a alma dos vivos. A mesma palavra é utilizada para designar toda manifestação de imagem: retratos, sombras, espelhos.

⁶ *Tikmã’ãn* – autodenominação que significa gente, pessoa humana, e no sentido de grupo: nós. Indivíduos de outras etnias e mesmo de outros povos indígenas não são considerados *tikmã’ãn*, e sim, *’aynhuk* – não humanos.

O processo de criação, formação e manutenção do corpo, segundo a autora, envolve o complexo do resguardo de sangue e diz respeito tanto a mulher que verte-o quanto a todos os homens que tiveram relações sexuais com ela durante o mês anterior a sua última menstruação ou durante a gravidez. Sua não observância, implica em graves danos.

Durante o período menstrual e pós-parto, tanto o marido quanto a mulher ficam impedidos de tocar a própria pele com as mãos ou de pentear os cabelos. Para se coçarem eles devem utilizar um pauzinho. Caso contrário, a pele ‘despregar-se-ia do corpo em bolhas ‘mal-cheirosas’. Outra restrição a que estão submetidas apenas as mulheres é quanto beber água ou tomar banho durante os dias da menstruação e na primeira semana do pós-parto.(...) Ficam também impedidos, de respirarem pela boca durante o período de perda de sangue, pois innoxã⁷ poderia penetrar por ela e invadir o corpo transformando a pessoa em hãngã – onça. (...) A principal restrição, diz respeito ao consumo de carne que contenha sangue. Se esta prescrição não for respeitada a pessoa sofrerá fortes dores de cabeça que a levarão a loucura depois à morte, transformando-a em innoxã⁸.

Esta última restrição é seguida com rigor pelos Maxakali pois diz respeito à exigência fundamental para se manter a condição de pessoa humana, sua violação modifica o destino “post-mortem” dos mesmos. É a regra básica que separa os seres humanos – tikm’ãñ – dos animais e dos `ãyunhk. A violação das outras prescrições provocam a transformação do corpo em cadáver, instaura um processo de deteriorização precoce do corpo, principalmente da pele, e a água é um dos principais agentes.

Outro importante processo de controle sobre os fluxos que movimentam o cosmos Maxakali, fundamental para a compreensão da construção da pessoa, diz respeito ao “fluxo da palavra”. Álvares investigou e descreveu sobre o fenômeno. Diz ela:

Este fluxo relaciona-se de um lado, com o processo de transformação do koxuk em yãmiy⁹ – da palavra em canto – e, de outro, com o trânsito dos próprios yãmiy. É sobre este fluxo que se coloca para o Maxakali, a questão da morte e da doença e a partir dele se desenvolve todo o discurso ‘post-mortem’. Está também implicado

⁷ *Innoxã* é um espírito selvagem e canibal. É a transformação “post-mortem” do *Koxuk* dos `ãyunhk, ao contrário dos *yãmiy* – espíritos cantores, donos da palavra. Vagueiam à noite pelas matas, possuem uma aparência horrível, sua forma mais freqüente de manifestação é como onça.

⁸ Álvares, 1986: 131-134.

⁹ Os Maxakali possuem uma vida ritual intensa que mantém o contato permanente com o mundo dos espíritos. Estes são chamados de *yãmiy* e vêm cantar e dançar para os humanos nas cerimônias rituais que ocorrem durante todo o ano, são os *yãmiyxop*. Após a morte a alma dos humanos transforma-se em *yãmiy*. Estes estão relacionados também à natureza, aos animais e aos pássaros. Os homens constroem no centro do pátio a casa cerimonial – *Kuxex* – ou “Casa dos Cantos”, onde ficarão os espíritos enquanto permanecerem na terra. Mais detalhes em Álvares (1986).

*neste processo a questão do conhecimento e da tradição cultural, portanto, da própria reprodução cultural*¹⁰.

A doença relaciona-se com o trânsito do *yāmiy*, um trânsito impróprio que causa desordem no fluxo das almas.

*O processo da doença inicia-se quando uma pessoa dorme e sonha com um parente morto. Na verdade, seu *koxuk* separa-se do seu corpo e passeia enquanto ela dorme. Neste passeio, encontra-se com o *koxuk* de um parente morto, em algum lugar da aldeia ou da mata. O parente morto virá sempre acompanhado de um grupo de *yāmiyxop*¹¹ ao qual pertenceu sem vida. Ou seja, a alma deste parente trará consigo os *yāmiy* de algum dos grupos de espíritos que possuía em vida para cantarem para ele. Todos estes *yāmiy* cantarão para a pessoa que dorme. Quando ela acordar estará doente, pois seu *koxuk* desejará partir*¹².

Para recuperar o *koxuk* do doente é necessário a realização de um *yāmiyxop*. O doente ensinará aos parentes e vizinhos o canto presente em seu sonho. Estes deverão cantá-lo para trazer o *koxuk* de volta, caso contrário, o canto ficará na cabeça do doente e este morrerá. Também é necessário oferecer comida e cantar para o parente morto, convencendo-o a ir embora. O período da doença é marcado por uma imobilidade da pessoa atingida, esta deve abster-se de movimento, cessando todas suas atividades.

A relação com o além é tratada de forma coletiva e as relações entre os vivos e os mortos, entre humanos e não-humanos, são essencialmente sociais. São na verdade a base da vida social, a conduzem e a sustentam.

Sobre estes dois elementos constitutivos da pessoa Maxakali escreve Álvares:

Os processos de controle sobre os fluxos que movimentam o cosmos Maxakali – o fluxo de sangue para a produção de corpos e o fluxo da palavra para a produção do conhecimento e da tradição cultural – são fundamentais para se compreender o processo de construção da pessoa Maxakali . A noção de sangue nos coloca a questão da temporalidade e a condição da morte como limite humano, enquanto a

¹⁰ Álvares, 1986: 141.

¹¹ *Yamiyxop* . “é um termo genérico que designa um vasto panteão de espíritos - todo o além Maxakali. *Xop* significa grupo. Os *yāmiy* estão divididos em quatorze grandes grupos de *yāmiyxop* parentes que, por sua vez, subdividem-se em vários subgrupos de *yāmiy* irmãos. Estes grupos estão relacionados aos elementos da natureza, como o sol, a lua, as estrelas, a cachoeira, o fogo e as espécies vegetais e animais. São também constituídos pelas almas dos mortos Maxakali e por heróis e inimigos míticos, e ainda por partes dos corpos destes mesmos inimigos e heróis”. (Álvares, 1986:95-96)

¹² Álvares, 1986: 143.

J”

¹³ Álvarez, 1986: 137.

J''

J”

J'

J''

À

¹⁴ Álvarez, 1986: 186.

ritação, conduzindo ao estado ungåy. A raiva e, mesmo, a tristeza provocadas pela morte ou por outro motivo são comparáveis à loucura. A alegria é marcada pelo movimento enquanto a tristeza, em oposição, pela imobilidade.¹⁵

Ao analisar os conceitos de jogo, brinquedo, brincadeira, festa e religião, percebi que para cada uma dessas expressões o Maxakali utiliza uma palavra. Jogo é *mõyõn*, que também pode ser usada para dormir; brincar é *ham kuteex*; brincadeira é denominada por *ham kuteex xopi*; a expressão *hãmya* significa ao mesmo tempo festa e dançar; e ainda, religião ou ritual, que é o *yãmiyxop* (grupo de espíritos).

Ao tentar compreender o significado dessas palavras nesse universo constatei que em alguns momentos elas podem ter o mesmo significado. Por exemplo: religião pode ser festa e brincadeira. Em outros momentos, é difícil para eles entender nossa tradução e encontrar possíveis diferenças entre uma e outra. Neste caso, religião é religião, festa é festa e brincadeira é brincadeira. A religião é o ritual, é a vida do Maxakali. Além da cura de doenças, do namoro, do casamento, dentre tantos outros, até mesmo o espaço preferido pelas crianças para desenvolver suas brincadeiras é controlado pela religião. Raramente eles utilizam a palavra jogo, uma utilização por mim registrada diz respeito ao “jogar bola” .

Para os Maxakali, a principal festa é a do Dia do Índio. Segundo depoimentos de funcionários da Funai, essa festa *não é festa de branco, é festa de índio. As brincadeiras são de religião, a festa é séria. Até o ano passado cada aldeia fazia a sua. Este ano, o Prefeito de Santa Helena doou 2 vacas, a festa foi em frente a sede. O índio pinta, canta, dança, se enfeita.* As festas juninas também estão sendo lentamente incorporadas, principalmente pelos índios de Água Boa. Essas têm brincadeiras (de religião), dança, forró, bandeirinhas enfeitando as aldeias, fogos de artifício e até um sanfoneiro. Além dessas festas os Maxakali vêm apropriando-se das festas e dos feriados nacionais, como o Natal e o 7 de Setembro. A comemoração de aniversários que não existia entre eles, também estão sendo lentamente incorporadas.

¹⁵ Álvares, 1986, p. 185.

Futebol: paixão também indígena

O futebol é uma das práticas corporais lúdicas bastante apreciadas entre os Maxakali, sendo denominado por eles *mot moyõn ax kãp* (futebol de campo). Por sua vez, a expressão *pop xi mot moyõn* significa jogar bola. Segundo o professor-índio Joviel Maxakali, o futebol, dentre outras práticas corporais,¹⁶ foi introduzido na década de 70, pela polícia dirigida pelo Capitão Pinheiro¹⁷. Apesar de essa prática corporal ter sido incorporada após o contato com a população regional, constitui-se, hoje, como uma dimensão sócio-cultural fundamental entre eles, permitindo a identificação de traços étnicos inconfundíveis. Sua presença marcante e de considerável importância é logo percebida num pequeno passeio pelas reservas: assim como são fundamentais as construções das escolas, para o Maxakali, é imprescindível a delimitação de um espaço denominado *kãp* (campo). No Pradinho, o único campo está localizado antes mesmo da chegada na área central da reserva. Em Água Boa, existem dois, um próximo a sede da Funai, na aldeia da Jaqueira, e outro na aldeia do Pinheiro. Esses campos são utilizados pelos homens, que deslocam-se de grandes distâncias, a pé ou a cavalo, muitas vezes atravessando pequenos riachos e atoleiros.

O professor-índio disse-me que *os meninos aprenderam o jogo olhando os mais velhos. Começaram a jogar e gostaram. Fazia apenas uns dois meses*. Para as brincadeiras, eles compraram uma bola de plástico e a bola de couro pertence ao professor, que empresta-a quando ele, ou um filho seu, participam. A participação feminina é ainda bastante tímida. Uma grande influência introduzida na nação Maxakali pelo futebol foi a moda esportiva. Os rapazinhos e os adultos apreciam o uso de shorts com tiras brancas nas laterais, camisas e bonés (de qualquer equipe), meião e chuteira em seu cotidiano para irem à escola, aos passeios e às festas.

¹⁶ O contato dos Maxakali com algumas atividades físicas padronizadas, tem origem na guarda rural comandada pelo Capitão Pinheiro. Essas atividades estão presentes em suas aulas na escola, entre elas, o polichinelo, que segundo o Dicionário Koogan/Houaiss (1971:661 e 832), quer dizer: boneco, títere, marionete, indivíduo que só age a mando de outrem. A disposição em filas e fileiras para as práticas também foram incorporadas nesse período.

¹⁷ Este capitão era reformado do exército e ficou incumbido de 'cuidar' da área indígena, porém, unido aos rendeiros, é considerado um dos responsáveis pela usurpação de terras na área Maxakali. Criou a Guarda Rural Indígena (GRIN), onde eram ministrados treinamentos de defesa pessoal, educação moral e cívica, uso de armas e ensinos de cavalaria, com o objetivo de tornar os índios aptos para o policiamento de suas tribos de origem, auxiliando a Funai na manutenção da ordem (MATTOS, 1996: 104). Mais detalhes em Nascimento (1984:73).

O futebol permite uma maior aproximação entre os índios das duas reservas, bem como com a população regional. É muito comum a realização de jogos entre a *seleção* Maxakali e os times das cidades próximas - Machacalis e Santa Helena. Esses jogos são realizados quando os times das cidades definem, juntamente com os índios, previamente, data e local. Não tive a oportunidade de assistir a jogos como esses, porém o professor-índio Joviel disse-me que nessas ocasiões a Prefeitura da cidade anfitriã, desloca os índios e suas famílias para o jogo. Joviel lembrou ainda que os índios gostam de ganhar, mas ficam felizes também quando o jogo empata, porém a derrota é motivo de tristeza, eles não gostam.

O brincar da criança Maxakali

Quem já observou crianças executando um dos mais básicos movimentos do ser humano, que é o andar, certamente já percebeu que entre elas o mesmo raramente é executado em sua forma mais simples de expressão. O corpo infantil experimenta várias maneiras para deslocar-se no espaço, andando em todas as direções, de costas, de lado, cruzando as pernas, em ritmos variados, com passos largos e pequenos, em cima de linhas imaginárias retas e sinuosas, subindo em obstáculos que encontra pelo caminho, com pequenos saltitos num pé só, alternando as pernas quando cansam.

Entre os Maxakali, pude observar todas essas formas de experienciar o corpo, em atitudes individuais ou, mesmo, em grupos. As crianças com idade média até oito anos, principalmente as meninas, costumam andar girando o corpo sobre o seu próprio eixo. Por vezes, utilizam de paus de vários tamanhos e espessuras, permitindo uma maior exploração do corpo no espaço, apoiando sobre eles, enquanto andam ou giram.

Embora façam uso corrente dos pés para caminhar, outra forma encontrada entre os meninos (idade média 12 anos) foi o de andar com as mãos no chão e os pés para cima. Dessa maneira, eles percorrem longas distâncias nos espaços entre as casas nas aldeias. O que entre nossas crianças é conhecido como plantar bananeira, ou parada de mãos - exercício básico na ginástica olímpica e acrobática -, para eles é o *hãm muy pepi mō āpata nuy nōmō* (começa/pegar o chão/por cima/vai/pé/vai), ou, simplesmente, põe a mão no chão, os pés para cima e vai andando. Andar com as mãos para eles nada tem de

excepcional. Podem locomover-se tanto com os pés quanto com as mãos, o que nos leva a pensar que atribuem significados diferentes dos nossos para esses membros.

Explorar todo o espaço das aldeias correndo (correr- mōxupahã) é outra maneira privilegiada entre as crianças. Lembro que fiquei impressionada com a correria delas em minha primeira visita a campo. Só mais tarde pude perceber que elas correm não porque têm pressa ou porque precisam executar uma tarefa, mas sim porque o corpo tem vontade e lhes pede movimento. Pular (xãmpa) e saltar (hãm ãtex) são também atividades muito freqüentes. As crianças pulam com um pé só, com pés unidos, agachadas, para alcançar alguma coisa que está no alto, como o galho de uma árvore, ou de cima de alguma coisa para o chão. Os barrancos e as beiras dos rios também são locais privilegiados para as brincadeiras de pular. O xãmpa yõn kamex (pular ou virar/foi/cair no chão), ou pular para trás, é praticado tanto pelas meninas como pelos meninos. Um professor-índio disse-me que primeiro eles aprendem a pular nos barrancos dos rios depois eles pulam no seco.

Além dos saltos para trás, outra maneira de explorar o corpo no espaço são as cambalhotas. Chamada por eles de *hãm tu õu kamex hãmõ* (começar/cair no chão/virar foi) virar no chão e sair andando, a cambalhota ou, tecnicamente falando, os rolamentos, também são executados por ambos os sexos.

Ser parte da natureza, conviver com ela e dela usufruir, desfrutando de momentos lúdicos, é uma das riquezas de ser criança Maxakali. Rolar no chão, cavar buracos para se esconder, brincar entre as moitas de capim, subir em árvores e balançar no galhos são movimentos bastante explorados por elas. Os galhos das árvores são pontos sobre os quais as crianças desenvolvem a observação do mundo que as cercam. Além de oferecer uma sombra agradável, é possível permanecer neles assentados confortavelmente. Porém, o que as crianças gostam mesmo é de segurá-los deixando o corpo soltar-se num balanço. Quando a árvore é mais alta e resistente, outra possibilidade consiste em amarrar uma corda no galho e balançar segurando-a pelas mãos. Para balançar, assentado ou mesmo em pé na corda, é preciso amarrá-la bem firme no galho. Também se balança nos telhados das casas. Em determinadas épocas do ano, os galhos das palmeiras transformam-se em gangorras (*mõyã yõt*), ponto de parada obrigatória para meninos e meninas.

Outra possibilidade de observação foi favorecida pela convivência direta das crianças Maxakali com os animais. Observei, entre elas, uma interação bem diferente da estabelecida pelas crianças de nossa sociedade. Os animais são partes integrantes da cosmovisão do Maxakali¹⁸. Animais domésticos como o cachorro (*kokex*), o gato (*meōg*) e o pato (*puxap*), convivem nos mesmos espaços que as pessoas. Uma cena muito comum é crianças carregando pequenos animais nos braços. Vez por outra elas balançam o animal, mordem a boca, as orelhas e as patas sujas, chegando mesmo a arremessá-los para o alto como se fossem um objeto qualquer. Correr atrás de animais por toda a aldeia é uma tarefa apreciada por todos, não só pelas crianças. É possível encontrar outros animais circulando pelas aldeias, como o peru (*pino*), o porco (*xapu*), a vaca (*munuytut*) e o cavalo (*kāmānok*). Andar a cavalo é uma atividade rapidamente aprendida pelos meninos.

O espaço ganha significado em sua relação singular com seus sujeitos. Por isso, ele também é cultural. No caso do Maxakali, o ambiente oferece ainda os rios (*tak*), que podem ser considerados espaços consagrados para as brincadeiras das crianças. A região onde estão situadas as aldeias é banhada pelas bacias dos rios Itanhém e Umburanas. Em ambas reservas existe abundância de águas fluviais, onde ainda encontram-se pequenos peixes. No Pradinho, existe uma pequena cachoeira e em Água Boa é necessário atravessar riachos para se chegar a várias aldeias. Nos períodos de seca e calor intenso, as caminhadas com os pés descalços pelos riachos tornam-se muito agradáveis, prolongando-se o tempo e a distância do deslocamento. Nesses períodos, as crianças passam boa parte do dia brincando nas águas, em banhos intermináveis. Para isso, o momento preferido é quando o sol está a pino, por volta do meio dia. Nessa época, intensificam o prazer de executar tarefas no rio, como pescar, lavar vasilhas e roupas. Para entrar no rio não é preciso que as crianças estejam com roupa apropriada; pelo contrário, do jeito que estão vestidas, ou mesmo sem roupas é possível fazê-lo. No inverno, os horários desses banhos modificam-se, não sendo tão frequentes como no verão, e o tempo de permanência na água diminui, apesar de não haver nenhum constrangimento das crianças em entrar na água fria.

Vamos brincar de criança ?

¹⁸ Os animais, juntamente com outros elementos da natureza constituem os grandes grupos e subgrupos de espíritos (*yāmiy*). Ver Álvares (1986:95) e Nascimento (1984: 52).

Dar nomes às brincadeiras também é nomear o mundo que se vive. Entre os Maxakali a brincadeira de casinha, considerada universal, possui características étnicas bem peculiares. *Hãm kuteex kakxop* (começa/brincadeira/criança) é a expressão utilizada por eles para designar o brincar de casinha. É interessante observar que nessa expressão não aparece a palavra casa, ou *miptut*, e sim *kakxop*, que significa criança. Então, a tradução mais adequada seria “vamos brincar de criança”. Essa compreensão da brincadeira de casinha é também identificada por Pereira (1997), em sua coleta de dados entre os Xavante, ao perceber uma criança brincando com seu irmão menor. Segundo a autora, ao interrogar um homem sobre o que a criança estava fazendo, ele prontamente respondeu: *ela está brincando de ser criança*.¹⁹

Como em outras culturas, a brincadeira de casinha é um importante elemento de socialização entre eles; é um espaço coletivo. Propicia uma imitação da vida social Maxakali e reproduz, principalmente, o cotidiano vivido no espaço doméstico da aldeia. Também a definição dos papéis sociais na sociedade Maxakali pode ser observado. As meninas se encarregam das tarefas domésticas, como cuidar dos bonecos, arrumar a casa, fazer a comida, pescar; por sua vez, os meninos saem para caçar, cuidar da roça.

Os adultos diziam-me que as meninas confeccionam seus bonecos – *topãg hã. Topãg hã hu nōg tog* (boneco/faz/filho) significa fazer bonequinho de pano. É muito comum elas enrolarem pequenos tocos com panos, fingindo serem bonecos. Na verdade, as crianças Maxakali possuem poucos brinquedos industrializados, vindos de nossa cultura. Outros objetos, como o *tuhut* (sacolinhas feitas de embira) e as penelinhas de barro, são confeccionadas pelas mulheres mais velhas. Já os arcos, as flechas e os badoques são feitos pelos próprios meninos.

A casa que anda

Nas brincadeiras das crianças, pude identificar o *Mip tut mōg hãm kuteex yōg* (casa/anda/começa/brincadeira/carro de brincadeira), que significa brincar de carrinho. Aqui, mais uma vez, a tradução é bastante interessante. *Mip tut* para o Maxakali significa casa e *mōg*, anda; *mip tut mōg* é a casa que anda. Essa é uma brincadeira muito apreciada pelos meninos menores. Qualquer objeto pode rapidamente transformar-se num carrinho:

¹⁹ Pereira (1997:197)

um cabo de vassoura com uma tampinha desamassada e pregada na ponta, uma lata de sardinha puxada por uma linha, um coco puxado pelo galho, um badoque empurrado pelo chão, aros e pneus de vários tamanhos e modelos. Rodar pneus com as mãos ou cabos de vassouras, possibilitam a imitação dos carros e dos ruídos de seus motores.

Alguns meninos preferem criar carrinhos mais sofisticados, utilizando para isso, a terra molhada, que se transforma em barro, e gravetos. Os carrinhos, muitas vezes, transportam objetos como areia, capim e pilhas. Os carrinhos de plástico, brinquedos acessíveis e imprescindíveis à todas as classes sociais de nossa sociedade, não foram por mim encontrados. Porém, os Maxakali demonstram grande interesse pelos brinquedos de rodas, como as bicicletas.

As bicicletas são denominadas *penet kup*, que, traduzindo, significam peneiras. Segundo eles, as rodas são semelhantes a peneiras, daí o nome. Existem poucas bicicletas nas reservas, e são utilizadas pelos rapazinhos para deslocarem de uma aldeia para outra. *Penet kup kutak*, ou peneira pequena, é o nome dado ao velotrol, brinquedo que para eles assemelha-se a uma bicicleta pequena. Um professor-índio presenteou seu filho menor com um velotrol. Apesar do pouco espaço para deslocamento dentro da casa e da dificuldade em pedalar o novo brinquedo, pude perceber uma grande curiosidade do menino e de seu irmão mais velho pelo mesmo. Nos dias seguintes, várias vezes, vi a criança andando pelo pátio central da reserva, sem, no entanto, despertar a curiosidade e o desejo de outras crianças pelo brinquedo.

Ampliando as possibilidades do corpo, que, deslocando-se no espaço, brinca de carrinho, encontrei uma maneira diferenciada de fazê-lo. A brincadeira consiste em puxar o colega, utilizando-se de uma roupa velha, preferencialmente uma calça *jeans*, ao redor das casas ou descer os pequenos morros nas trilhas que levam até elas. Vale girar morro abaixo dentro de uma bacia ou, ainda, escorregar em duplas, trios ou quartetos, formando verdadeiros trenzinhos. Em todos os momentos que presenciei a atividade, apenas os meninos participavam.

Brincar de corda

A expressão que denomina essas brincadeiras é *hãm kuteex tox hã* (começa/brincadeira/corda). Pular corda, isto é, *tox ãtex* (corda/pular), é, sem dúvida, a

atividade preferida, mas pular duas cordas ao mesmo tempo também desperta grande interesse. Outra atividade desenvolvida é o quebra-canelas. Entre os Maxakali, pude ver o *tox maham hãm nãta nuyxutex* (corda roda/começa/mais alto um pouquinho do chão/pula), ou passar por cima da corda; sempre rodeado por outras pessoas assistindo e divertindo.

Equilibrar sobre a corda de cabeça para baixo, ou *tox xi kaog nuyta apata hã muy nuxtakuk pa nu ãmtox* (corda/puxa/prende/pé/essa/pega/vira cabeça baixo), traduzindo, pôs a corda depois segurou com o pé e ficou de cabeça para baixo; e girar sobre a corda, *ãpata hã muy nomōya yōn puka ãpata hã noy yã nãt hu nō muy* (pé/essa/pega/balança/por cima/pé/essa/troca de pé/pega a corda), segurou a corda depois segurou com o pé, balançou e rodou; são as atividades preferidas pelos meninos. Para desenvolvê-las, eles amarram a corda de uma árvore a outra.

A onça e a presa

Também entre os Maxakali pude observar a presença da brincadeira de pegador. Essa atividade, como as citadas anteriormente, apresenta uma forte característica étnica. Denominada por eles *hãm kuteex yãx xap tophã* (começa/ brincadeira/ esconde/essa), a brincadeira consiste em uma criança procurar por outra, que se tornará o pegador, se for encontrada. Parece simples, mas para o Maxakali a brincadeira desenrola da seguinte maneira: uma criança simula um corte no pescoço de outra, feito com a mão. A vítima cai no chão e por ali permanece por algum tempo. Enquanto isso, as outras crianças correm e escondem-se pelo mato afora, evitando qualquer ruído que possa denunciar seu esconderijo. O morto, de repente, se levanta, vira onça, ou melhor dizendo, vira *hãngay*, fica bravo e sai correndo à procura de um alimento que possa comer, isto é, uma outra criança. Quando este encontra a presa, passa a correr atrás dela ou de outro, se encontrar novas presas pelo caminho, até que consegue pegar uma, que imediatamente passa a ser o próximo a morrer e virar onça, dando seqüência à brincadeira. Essa brincadeira demonstra a forte relação que o Maxakali possui com seus mortos²⁰.

²⁰ Maiores detalhes em Álvares (1986).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ÁLVARES, Myriam Martins. *“Yãmiy, os Espíritos do Canto. A construção da pessoa na sociedade Maxakali.* Campinas: UNICAMP, 1992. (Dissertação de Mestrado).
- BAKHTIN, MiKhail (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem.* São Paulo: Hucitec, 1979.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara Koogan, 1989. 323 p.
- GERALDI, João Wanderley. *Discurso e sujeito.* Aula de Concurso de Livre Docência. IEL/UNICAMP. 14 de novembro de 1995. (mimeo.)
- KOOGAN/HOUAISS. *Enciclopédia e dicionário.* Ilustrado. Rio de Janeiro: Edições Delta. 1971.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental.* Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Os Pensadores.
- MATTOS, Izabel Misságia de. *Borum, Bugre, Kraí.* Constituição social da identidade e memória étnica Krenak. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1996. (Dissertação de Mestrado).
- NASCIMENTO, Neli Ferreira do. *A luta pela sobrevivência de uma sociedade tribal do Nordeste mineiro.* São Paulo: USP, 1984. (Dissertação de Mestrado).
- PEREIRA, Angela Maria Nunes Machado. *A sociedade das crianças a’uwê-xavante: por uma antropologia da criança.* São Paulo: USP, 1997. (Dissertação de Mestrado).
- RICARDO, Carlos Alberto. “Os índios” e o futuro da sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil. In: BEOZZO, José Oscar. (Org.). *Trabalho: Crise e Alternativas.* São Paulo: Paulus, 1995.